

Complementos infinitivos num *corpus* de Português Clássico

Miguel Magalhães

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL)

Abstract:

This paper aims to contribute to a better understanding of inflected infinitive in Classic Portuguese. In works such as Martins (2006) and Fiéis & Madeira (2014) we have observed that the distribution of inflected infinitives changed from Old to Modern Portuguese. Based on a *corpus* from an archive located in Braga district, with notarial texts from the XVII century (1650-1700), we will describe the use of inflected infinitives in infinitival complementation in this period, showing the conditions that allowed its widening to other contexts in Modern Portuguese.

Keywords: inflected infinitive, classic Portuguese, infinitival complementation, diachrony, syntax

Palavras-chave: infinitivo flexionado, português clássico, complementação infinitiva, diacronia, sintaxe.

1. Objetivo

Este trabalho tem como objetivo descrever algumas estruturas de complementação infinitiva em Português Clássico (PCI). Para isso, partimos da análise dos contextos em que ocorre o Infinitivo Flexionado (InFlex) e, de acordo com os resultados alcançados, iremos observar os complementos infinitivos num *corpus* constituído para esse efeito. O ponto de partida desta análise justifica-se pelo facto de o InFlex ser uma opção gramatical que apenas ocorre em português, galego e sardo. Na primeira secção deste trabalho, vamos fazer o levantamento das ocorrências do InFlex de acordo com as conclusões já alcançadas em bibliografia específica. Esta primeira secção irá dar conta das ocorrências mas também de algumas ausências e irá introduzir o levantamento de domínios infinitivos como complemento de verbos causativos e percetivos em estruturas de controlo, mais especificamente com verbos Marcação Excepcional de Caso (ou ECM, utilizando o termo inglês *Exceptional Case Marking*) e em construções *fazer*-infinitivo.



Serão também apresentadas algumas análises existentes em trabalhos sobre o InFlex em estados mais antigos da língua, nomeadamente os trabalhos de Martins (sobretudo 2004 e posteriores) e o estudo e sistematização de Fiéis & Madeira (2014) sobre a diacronia do InFlex no português; na secção 2, apresentaremos a constituição do *corpus* de análise e a metodologia de seleção de dados; na secção 3, analisaremos os dados extraídos do *corpus* e apresentaremos uma reflexão teórica relativamente aos contextos estudados; e, finalmente, na secção 4, apresentaremos as conclusões.

2. O que sabemos sobre o infinitivo flexionado em Português:

Em trabalhos como Martins (2006) e Fiéis & Madeira (2014), é nos dado a observar que a distribuição do InFlex sofreu alterações desde o Português Antigo¹ (PA) até ao Português Europeu Contemporâneo (PEC). Algumas estruturas atestadas no PA (como as orações independentes com valor imperativo/optativo e coordenadas com conjuntivo) desaparecem no Português Clássico (PCI). Outras emergem e mantêm-se até ao PEC (orações complemento de verbos declarativos, epistémicos, perceptivos e de controlo de objeto); e outras surgem em PCI mas não se mantêm até ao PEC (construções com verbos aspetuais e de controlo de sujeito). Esta diacronia pode ser resumida no quadro seguinte:

PA	PCI	PEC
Orações independentes com valor imperativo/optativo e coordenadas com conjuntivo.	X	X
orações complemento e adverbiais introduzidas por preposição (ou locuções prepositivas)	✓	✓

¹ Seguiremos a periodização adotada por Fiéis & Madeira (2014): Português Antigo (séc. XIII-XV), Português Clássico (séc. XVI-XIX) e Português Contemporâneo (séc. XIX/XX).



orações de sujeito	✓	✓
orações coordenadas com infinitivo impessoal	✓	✓
X	Construções com verbos aspetuais e de controlo de sujeito (com e sem coordenação)	X
X	Orações complemento de verbos declarativos, epistémicos, perceptivos, de controlo de objeto e factivos.	✓

Quadro 1. Diacronia do Infinitivo Flexionado a partir de Fiéis & Madeira (2014)

Tal como referimos anteriormente, segundo Fiéis & Madeira (2014), o InFlex é uma opção gramatical que, nas línguas românicas contemporâneas, apenas ocorre em português, galego e sardo, embora com propriedades diferentes entre si.

A diacronia mostra que esta era uma opção disponível desde o PA mas em contextos diferentes do PEC. Em PA surge associado, por exemplo, a domínios independentes de carácter imperativo/optativo, em alternância com o conjuntivo, o que não é possível em PEC. Segundo Martins (2006) e Fiéis & Madeira (2014), estes domínios independentes começam a desaparecer por volta do séc. XVI à medida que o InFlex começa a ocorrer em complementos de verbos causativos e perceptivos, associados a outras propriedades que começam a ocorrer também neste momento (nomeadamente a possibilidade de negação e de ocorrência de clíticos no domínio infinitivo).

Em PA o InFlex ocorre ainda em orações introduzidas pela conjunção copulativa *e*, e em orações coordenadas (alternando orações conjuntivas com orações de infinitivo não flexionado). Finalmente, podem encontrar-se ocorrências do infinitivo flexionado em orações introduzidas por



preposições (adverbiais e complementos de adjetivos), e também em orações de sujeito e em complementos de verbos. Estes contextos, ao contrário dos domínios independentes que ocorriam em PA, como já referimos, não desaparecem em PCI.

Em relação a outros contextos possíveis em PEC, de acordo com os contextos identificados por Raposo (1987), o InFlex em complementos de verbos epistémicos, factivos, controlo de objeto, das orações predicativas, comparativas e completivas de nome e de adjetivo, não ocorrem neste *corpus*, não fazendo sentido, por isso, de aprofundar a sua diacronia neste estudo.

3. Constituição do *corpus*

Para perceber a evolução destas formas, uma vez que os estudos anteriores incidem particularmente no PA, pretendemos averiguar a sua evolução num período mais tardio, tentando clarificar o período intermédio entre o PA e o PEC. Dado que já existiam análises ao PCI (Fiéis & Madeira, 2014) baseados em *corpora* literários, decidimos recorrer a um conjunto de textos que estavam disponíveis para serem estudados dentro deste contexto.

Deste modo, foi constituído um *corpus* com 10 textos notariais (cartas de venda, prazo, doação, entre outros) da 2ª metade do séc. XVII (1650 a 1700). Os documentos são provenientes de um arquivo particular e foram, na sua maioria, produzidos no distrito de Braga, no Norte de Portugal, com exceção do texto CG-8 que foi produzido em Lisboa. Salientamos que este é um *corpus* de documentos notariais, geograficamente localizado, e cuja análise pretende acrescentar dados aos estudos sobre o InFlex neste período e não fazer uma descrição do PCI.

O arquivo foi disponibilizado para este estudo e foram selecionados os textos tendo em conta alguns critérios como: tipologia textual (excluíram-se os textos que não fossem de carácter notarial), integridade dos suportes (associado à coesão do documento) e datação (foram excluídos os textos que ofereciam dúvidas na datação). Depois de selecionados os textos para integrarem o *corpus*, procedeu-se à sua transcrição paleográfica de acordo com as normas de transcrição descritas no *Álbum de Paleografia* de Dias, Marques & Rodrigues (1987).



Fez-se depois, com o auxílio de um programa de concordâncias, o levantamento das ocorrências do InFlex e das construções com verbos de controlo, ECM e *fazer*-infinitivo, e procedeu-se à sua análise.

4. Levantamento das ocorrências

Em relação às ocorrências do InFlex, em domínios independentes com valor imperativo/optativo e orações coordenadas com conjuntivo, confirma-se a sua ausência em PCI, tal como constata Martins (2006) e Fiéis & Madeira (2014).

Comparando o InFlex em PA e PCI, observamos que o InFlex se mantém em contextos que já ocorriam em PA como as orações complemento e adverbiais, introduzidas por preposições ou locuções prepositivas tanto causais como finais, como podemos ver nos exemplos seguintes:

Causais:

(1) *as ditas (...) rogarã asinase por ellas por ellas **serem** mulheres e nã **saberem** asinar* (CG-7; 1694)

(2) *em razam de serem molheres doncellas de calidade por nom **poderem** hoo? acignar* (CG-13; 1678)

e Finais:

(3) *e acabadas as tres uidas deste prazo ficara uaguo liure e desembargado [f10] desembargado ao dito colegio como couza sua propria que hee contadas? as bem feitorias que nelle ouuer pera o **darem** e **emprazarem** a quem lhes parecer e mais for de dreito e iustiça* (CG-13, 1678)

(4) *e lloguo alj por elles ditos reuerendos padres foj dito que pera efeito de fazerem prazo aellas sobreditas maria de souza e uentura machada se fes uedoria da ditta quinta da granja* (CG-13, 1678)

É também atestado em orações coordenadas com infinitivo impessoal como no exemplo seguinte:



(5) e por **serem** uezinhos e parentes e escuzar as ditas duvidas e malquezias? e demandas se vierã a compor todos pella maneira seguinte (CG-7, 1674)

Não foram, no entanto, encontradas ocorrências em orações de sujeito.

Em relação a contextos surgidos no PCI, de acordo com o levantamento feito por Fiéis & Madeira (2014), o InFlex pode ocorrer noutros contextos que não foram encontrados neste *corpus*, a saber: coordenado com um DP (pronomes demonstrativos, pronomes pessoais, artigos, quantificadores, elementos-QU ou por um elemento vazio); introduzido por um determinante; em orações comparativas e predicativas e como complementos de nomes. O mesmo ocorre com contextos específicos do PCI que não ocorriam em PA e que desapareceram em PEC, como são as construções com verbos aspetuais e de controlo de sujeito (com e sem coordenação).

Por outro lado, é também neste período que o InFlex surge em contextos que se mantiveram em PEC como são os casos das orações complemento de verbos declarativos (6), epistémicos (7), controlo de objeto (8) ou percetivos (este último não atestado no *corpus* trabalhado neste trabalho).

(6) os quoaís comfecaraõ elles uendedores **terem** ja em sj recebidos em moeda corente deste rejno sem quebra nem demonuisam alguma dos quoaís diceraõ elles uendedores dauaõ ao comprador e a seus eerdeiros por quites e livres e desobrigados doie p[ar]a todo sempre (CG-12; 1692)

(7) e todas partes [+] testemunhas sam pessoas que [eu+]tabaliam conheco **serem** os mesmos e elles reconhecidos hũns dos outros eu? estacio ca[ldei+]ra da ueiga taballiã que [o+] [es+]creuy (CG-7; 1674)

(8) foi dito que elles a fazer este instramento de contrato bom e de pas pera sempre obreiguauã suas pessoas e todos seus bens moveis e de rais auidos e por auer e tercos de suas almas a numqua emcontrar nem empedir este instramento e troqua e concerto pera sempre e



numqua ho reuoguarem parte nem em todo pera sempre por si nem por outras pesoas (CG-7; 1674)

O exemplo (9) mostra ainda uma contrução onde ocorre a subida do sujeito do InFlex para a posição de sujeito da frase passiva, que não é possível em PEC:

(9) apareserom maria de souza loba e uentura machada solteiras moradoras na quinta da granja da freiguezia de santo andre de uilla nune deste concelho de cabeseiras de basto , pessoas por mim tabaliam bem conhecidas serem as proprias que se nomeiam e lloguo alj por elles ditos reuerendos padres foj dito que pera efeito de fazerem prazo aellas sobreditas maria de souza e uentura machada se fes uedoria da ditta quinta da granja (CG-13; 1678)

Nesta frase, o InFlex é selecionado pelo verbo conhecer.

5. Verbos ECM, *fazer*-Infinitivo e estruturas de controlo

Se atendermos a aspetos quantitativos, o uso do InFlex, neste *corpus*, é mais comum em orações adverbiais introduzidas por preposição, sendo o uso em estruturas de complementação pouco produtivo. Não são encontrados, por exemplo, InFlex em complementos de verbos causativos e perceptivos, contextos que surgiram em PC1 e que se mantiveram em PEC. Trata-se de uma construção que, de acordo com os trabalhos já citados, tornaram-se comuns neste estado da língua. A ausência destas construções neste *corpus* levou-nos a analisar as construções com verbos causativos (não ocorrem verbos perceptivos neste *corpus*) para tentar perceber se existe algum fator que possa explicar a ausência destas estruturas num momento da língua em que, de acordo com os estudos citados anteriormente sobre a diacronia do InFlex, ocorrem noutros *corpus* analisados.

Recordamos, muito brevemente, que as construções com verbos causativos e perceptivos ocorrem sobretudo com verbos de Marcação Excepcional de Caso (ECM) e construções de *fazer*-infinitivo (União de Orações).



Embora estas estruturas estivessem disponíveis desde o PA, estas tinham características diferentes, em relação ao PEC, que não cabe neste trabalho especificar. No entanto, como Martins (2004 e sucessivos) demonstra, o infinitivo dependente de verbos ECM torna-se comum, de forma clara, a partir do séc. XVI, como já referimos anteriormente. Relembramos também (remetendo para as mesmas referências) que o InFlex como complemento de verbos causativos e perceptivos é uma opção do PEC mas não se encontra atestada em PA e que o desaparecimento das orações infinitivas independentes começa a ocorrer à medida que as estruturas ECM se tornam mais comuns.

Segundo Martins (2006) existem três elementos que revelam o processo de desgramaticalização dos verbos ECM e de controlo e elevação: a emergência do InFlex que passa a estar em variação com o infinitivo simples; a legitimação da negação predicativa das orações infinitivas selecionadas e, finalmente, a opção pela cliticização no interior da oração infinitiva em estruturas com verbos matriz potenciadores de subida do clítico.

Recupero, a este propósito, os exemplos (5) e (8). No exemplo (5) encontramos uma oração adverbial introduzida por uma preposição, em que o InFlex está coordenado com um infinitivo simples. Enquanto no exemplo (8), a construção de controlo de objeto exhibe um quantificador de negação (*nunca*) e um marcador de negação (*nem*) utilizado para estabelecer uma estrutura coordenada com infinitivo simples, já atestada em PA.

(5) *e por serem uezinhos e parentes e escuzar as ditas duvidas e malquezias? e demandas se vierã a compor todos pella maneira seguinte (CG-7, 1674)*

(8) *foi dito que elles a fazer este instromento de contrato bom e de pas pera sempre obreiguauã suas pessoas e todos seus bens moveis e de rais auidos e por auer e tercõs de suas almas a numqua emcontrar nem impedir este instromento e troqua e concerto pera sempre e numqua ho reuoguarem parte nem em todo pera sempre por si nem por outras pessoas (CG-7; 1674)*

O exemplo (8) mostra como, em estruturas coordenadas de orações infinitivas dependentes de um verbo finito, o argumento causado (o DP controlado pelo verbo superior) é



estruturalmente o sujeito do verbo infinitivo, embora receba caso acusativo do verbo que o controla. Repare-se que tal só é possível porque as especificações de pessoa e número do verbo superior e do InFlex são idênticas.

Se considerarmos o exemplo (11), observamos que um processo parecido ocorre em construções *fazer*-infinitivo:

(11) e *mandarã a mim tabaliã **fazer** este publico instramento nesta nota* (CG-7, 1674)

Mas neste exemplo, é atribuído caso dativo ao sujeito do verbo infinitivo através da preposição *a* e que é reforçada pela presença do pronome pessoal oblíquo que lhe sucede.

Mais uma vez necessitamos de observar as ocorrências destas estruturas de controlo em termos quantitativos: neste *corpus*, observamos uma preferência clara pelo uso de construções *fazer*-infinitivo uma vez que não ocorrem construções com verbos ECM. Deste modo, encontramos neste *corpus* as seguintes estruturas:

(a) Construções *fazer*-infinitivo

(14) *poderaõ elles ssenhorio? **mandar** sitar demandar dobrigar aele cazeiro emprazante* (CG-1, 1656)

(15) *poderam elles senhorios **mandar** citar e obriguar a ellas cazeiras emprazantes* (CG-13, 1678)

(b) Construções *fazer*-infinitivo com dativização do sujeito:

(11) e *mandarã a mim tabaliã fa[*f6* v] fazer este publico instramento nesta nota* (CG-7, 1674)

(12) e *por asi serem de parte e parte contentes **mandaraõ** a mim tabaliaõ fazer este publico instramento* (CG-15, 1692)

(13) e *mandarãõ a mim tabaliaõ e escriuaõ do tãbo e prazos delle fazer este publico stroimento de nouo emprazamẽto ã meu liuro de notas* (CG-1, 1656)

(c) Construções *fazer*-infinitivo com atribuição de caso acusativo ao objeto direto:



(16) *e delle mandaraõ dar hũ treslado pera o cartorio do collégio* (CG-1, 1656)

(d) Construções *fazer*-infinitivo com movimento do clítico para o verbo superior:

(10) *e as faraõ pouoar e cultiuar fazendo nellas todas as bemfeitorias que fazer puderẽ*
(CG-1, 1656)

(17) *[.] a fes escreuer* (CG-8, 1699)

(18) *e elles o prometeraõ fazer asi* (CG-15, 1692)

Não irei fazer uma análise detalhada destas estruturas porque não está no âmbito deste trabalho, mas parece-me importante refletir sobre se a sua ocorrência está relacionada ou não com a ausência do InFlex nas estruturas de complementação dos verbos causativos e perceptivos. Ana Maria Martins (2016), baseada em dados e análises sólidos, tem proposto que as estruturas com verbos ECM derivam das construções *fazer*-infinitivo, apesar de ambas coocorrerem no PA. De acordo com trabalhos recentes feitos com o PEC (citados em Martins (2016), apesar das estruturas com verbos ECM serem preferidas no PEC padrão escrito, as construções *fazer*-infinitivo estão distribuídas por todo o território, enquanto as construções com verbos ECM estão restritas a áreas específicas. Isto, por si só, não explica a ausência do InFlex como complemento de verbos causativos e perceptivos, uma vez que as estruturas ECM estavam disponíveis desde o PA, como já referimos. Mas se consideramos que tanto as construções com verbos ECM como o InFlex tem em comum o facto de as completivas não finitas constituírem domínios com sujeitos independentes (diferenciando-se no facto de nas ECM o sujeito receber caso acusativo, enquanto no InFlex recebe caso nominativo), então é seguro considerar que a ausência das estruturas com verbos ECM está diretamente ligada à ausência de InFlex como complemento de verbos causativos e perceptivos neste *corpus*.

6. Primeiras conclusões

A nossa análise teve como primeiro objetivo descrever algumas construções de complementação infinitiva num *corpus* de português clássico. Partindo do levantamento das ocorrências do InFlex neste *corpus*, procuramos enquadrá-las na diacronia do InFlex, mostrando



as condições que permitiram o seu alargamento a um maior número de contextos em PEC. De acordo com a diacronia do InFlex feita por Fiéis & Madeira (2014), o InFlex ocorre nas estruturas esperadas neste período da língua. O facto de não encontrarmos o InFlex em alguns contextos, como complemento de verbos causativos e percetivos, levou-nos a procurar nos verbos de Controlo, ECM e construções de *fazer*-infinitivo, pistas que pudessem clarificar esta ausência, uma vez que é nestas construções que eles ocorrem com mais frequência em PEC.

O levantamento que foi feito mostra-nos que, relativamente a verbos de controlo, o InFlex ocorria em coordenação com o infinitivo simples, tal como vimos no exemplo (8). Em relação a verbos ECM e construções *fazer*-infinitivo, as construções analisadas mostraram que neste *corpus* há uma preferência clara por construções *fazer*-infinitivo, não sendo encontrada nenhuma construção com verbos ECM. Esta ausência leva-nos a formular algumas interrogações sobre o comportamento das estruturas de controlo e a sua função nesta diacronia. Não podemos também ignorar que o facto de ser um *corpus* geográfica e tipologicamente restrito também influencia estes resultados preliminares. Em trabalhos futuros esperamos fazer um levantamento dos verbos de controlo e, inevitavelmente, ampliar o *corpus* de análise geograficamente (sobretudo com exemplos da zona Centro e Sul de Portugal) para comparar os resultados e perceber se, de facto, esta preferência por construções *fazer*-infinitivo pode ser explicada dialetalmente.

Referências

- Dias, J.J. Alves, A.H. de Oliveira Marques & T. Rodrigues (1987) *Álbum de Paleografia*. Lisboa: Estampa.
- Duarte, I. A. Gonçalves & A. L. Santos (2012) Infinitivo flexionado, independência temporal e controlo. In A. Costa, C. Flores & N. Alexandre (orgs.) *Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 217-234.



- Fiéis, A. & A. Madeira (2014) O infinitivo flexionado na diacronia do português. In J. Veloso *et al.* (orgs.) *Textos selecionados. XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto: APL, pp. 255-264.
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de Infinitivo não Preposicionado do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (2004) Ambiguidade estrutural e mudança linguística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos. In A. M. Brito, O. Figueiredo & C. (orgs.) *Linguística Histórica e História da Língua Portuguesa. Actas do Encontro de Homenagem a Maria Helena Paiva*,. Porto: Secção de Linguística do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 197-225.
- Martins, A. M. (2006) Aspects of Infinitival Constructions in the History of Portuguese. In R. S. Gess & D. Arteaga (orgs.) *Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 327-355.
- Martins, A. M. (2012) Coordination, gapping, and the Portuguese inflected infinitive: The role of structural ambiguity in syntactic change. In D. Jonas, J. Whitman & A. Garrett (orgs.) *Grammatical Change: Origins, Nature, Outcomes*. Oxford/New York: Oxford University Press, pp. 274-291.
- Martins, A. M. (2016) Infinitival complements of causative/perception verbs in a diachronic perspective. In A. Gonçalves & A.L. Santos (orgs) *Complement clauses in Portuguese: Syntax and Acquisition. Issues in Hispanic and Lusophone Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Raposo, E. (1987) Case theory and Infl-to-Comp: The inflected infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry* 18, pp. 85-109.

